

**LETRAMENTO LINGUÍSTICO DE CRIANÇAS
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
ASPECTOS PEDAGÓGICOS**

Orleane Evangelista de Santana (UNITINS e UEMASUL)

orleansantana@bol.com.br

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFNT)

luizpeel@mail.uft.edu.br

RESUMO

Neste estudo bibliográfico descritivo-explicativo, faremos uma reflexão sobre as contribuições da Pedagogia para a alfabetização de crianças à luz dos estudos de Paulo Freire: *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (1996), *Pedagogia do oprimido* (2005), *A importância do ato de ler* (2009) entre outros; e das discussões promovidas por Magda Soares em seu artigo: *Letramento e Alfabetização: as muitas facetas* (2004), enfatizando aspectos teóricos, práticos e discutindo as dificuldades inerentes ao processo de aquisição da língua portuguesa, as quais refletem diretamente na leitura e na escrita das crianças, e justificam por qual razão as crianças brasileiras leem e escrevem mal. Para tanto, refletiremos à luz de Freire sobre as relações educadores e educandos e as condições inerentes à tarefa de educar com autonomia, sobre a linguagem e o poder de conhecimento que o domínio da palavra proporciona, considerando que a leitura de mundo vem antes da leitura da palavra, sendo condição para a prática de uma leitura crítica desde a alfabetização. E à luz de Soares refletiremos sobre os conceitos de Alfabetização e Letramento, as verdadeiras causas do fracasso do processo de alfabetização no Brasil e por que nossas estatísticas sobre o analfabetismo e sobre o baixo desempenho escolar, nos primeiros ciclos do ensino fundamental, são tão preocupantes. A apresentação e discussão dos aspectos pedagógicos, teóricos e práticos, serão os fundamentos para a alfabetização com foco no letramento de crianças. Tais aspectos também servirão de fundamento para defendermos que somente profissionais devidamente qualificados devem trabalhar nos anos iniciais com a alfabetização, isto é, somente licenciados em língua portuguesa com sólida formação pedagógica devem ensinar linguagem às crianças, ou licenciados em Pedagogia oriundos de cursos que contenham disciplinas linguísticas em sua grande curricular, a fim de promoverem de forma correta e efetiva o primeiro contato da criança com a mundo das letras, o que vai impactar positivamente em toda a sua vida estudantil.

Palavras-chave:

Alfabetização. Letramento. Pedagogia.

ABSTRACT

In this descriptive-explanatory bibliographic study, we will reflect on the contributions of Pedagogy to children's literacy in the light of Paulo Freire's studies: *Pedagogy of autonomy: necessary knowledge for educational practice* (1996), *Pedagogy of the oppressed* (2005), and *The importance of the act of reading* (2009) among others; and the discussions promoted by Magda Soares in her article: *Literacy and Literacy* (2004), emphasizing theoretical and practical aspects and discussing the difficulties

inherent in the process of Portuguese language acquisition, which directly reflects in children's reading and writing, and justify why Brazilian children read and write poorly. Therefore, we will reflect in the light of Freire on the relationships between educators and students and the conditions inherent in the task of educating with autonomy, on the language and the power of knowledge that mastery of the word provides, considering that reading the world comes before the reading of the word, being a condition for the practice of a critical reading from the literacy stage. And in the light of Soares, we will reflect on the concepts of Literacy and Literacy, the true causes of the failure of the literacy process in Brazil and why our statistics on illiteracy and low school performance in the first cycles of elementary school are so worrisome. The presentation and discussion of pedagogical, theoretical, and practical aspects will be the foundations for literacy with a focus on children's literacy. Such aspects will also serve as a basis for defending that only properly qualified professionals should work in the early years with literacy, that is, only graduates in Portuguese with solid pedagogical training should teach language to children, or graduates in Pedagogy from courses that contain subjects language in its large curriculum, in order to correctly and effectively promote the child's first contact with the world of letters, which will have a positive impact on their entire student life.

Keywords:

Alfabetization. Literacy. Pedagogy.

1. Introdução

Neste artigo, faremos uma reflexão sobre as contribuições da Pedagogia para a alfabetização de crianças à luz dos estudos de Paulo Freire(1996; 2005; 2009), entre outros, e das discussões promovidas por Magda Soares (2004), enfatizando aspectos teóricos e práticos. O objetivo é discutir os aspectos pedagógicos inerentes ao processo de aquisição da língua portuguesa, as quais refletem diretamente na leitura e na escrita das crianças com a finalidade de encontrar uma resposta para a questão norteadora deste trabalho: Por qual razão as crianças brasileiras leem e escrevem mal? Para tanto, escolhemos como percurso metodológico a pesquisa bibliográfica descritiva e explicativa.

Assim, na ótica de Paulo Freire discutiremos as relações educadores e educandos e as condições inerentes à tarefa de educar com autonomia, com diálogo, sobre a linguagem e o poder que o conhecimento proporciona ao sujeito, libertando-o, emancipando-o das trevas da ignorância, assegurando-lhe uma compreensão crítica do ato de ler desde o momento que inicia o processo de leitura na escola.

Refletiremos e discutiremos na ótica de Magda Soares sobre os conceitos de Alfabetização e Letramento, suas diferenças e implicações, sobre as verdadeiras causas do fracasso do processo de alfabetização no

Brasil e sobre as estatísticas que indicam altos índices de analfabetismo e baixo desempenho escolar, nos primeiros ciclos do ensino fundamental. Entretanto, tentaremos mostrar o caminho para uma Alfabetização com foco no Letramento de crianças nos anos iniciais da escolarização básica.

Ao longo da exposição, defenderemos a necessidade imperiosa de professores alfabetizadores devidamente formados e qualificados para assumirem tão grandioso compromisso que é alfabetizar crianças. Insistiremos que somente profissionais devidamente qualificados devem trabalhar nos anos iniciais com a alfabetização, isto é, somente licenciados em língua portuguesa com sólida formação pedagógica devem ensinar linguagem às crianças, ou licenciados em Pedagogia oriundos de cursos que contenham disciplinas linguísticas em sua grande curricular, a fim de promoverem de forma correta e efetiva o primeiro contato da criança com a mundo das letras.

Com este estudo pretende-se entrar na discussão de tão relevante tema, que é ao mesmo tempo negligenciado por professores, gestores educacionais e também por aqueles responsáveis pelas políticas públicas voltadas para a educação, o que faz emergir daí a sua relevância social e científica.

2. *Contribuições da Pedagogia para a Alfabetização e Letramento de crianças nos anos iniciais*

Neste tópicO discutiremos a possibilidade do processo de alfabetização de crianças ocorrer de forma significativa e concomitante ao processo de letramento. Reconhecemos aqui que esses dois processos são diferentes, cada um possui suas especificidades, todavia são interdependentes. Para fundamentar essa discussão primeiramente apresentaremos as contribuições de Paulo Freire, considerando sua extensa obra; em seguida, apresentaremos as contribuições de Magda Soares, destacando sua forma de conceber Alfabetização e Letramento.

2.1. *As contribuições de Paulo Freire*

Sabemos que Paulo Freire deixou um grandioso legado para aqueles que trabalham na perspectiva de uma pedagogia crítica, alcançando também a Alfabetização e o Letramento. Na ótica de Paulo Freire, faremos algumas reflexões sobre pontos importantes para a alfabetização.

2.1.1. Compreensão crítica do ato de ler

Para uma compreensão crítica do ato de ler, Freire (1981) defende a inseparabilidade do aprendizado da leitura da palavra (linguagem) e da leitura do mundo (relações sociais) para que se consiga alcançar uma alfabetização que conduza ao domínio da língua em sua modalidade escrita. Ele afirma:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1981, p. 9)

Assim, para melhor explicar este movimento dinâmico do mundo à palavra e da palavra ao mundo, que é constante, Freire (1981, p. 13) acrescenta: “A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrivê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”. Em razão disso, em seu método de alfabetização de adultos, ele definiu que as palavras a serem trabalhadas viessem do próprio repertório oral dos alunos, as quais representavam os contextos por eles frequentados e suas experiências de vida, “deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador” (*Idibidem*)

Suas experiências de infância que construíram seu conhecimento de mundo e que lhe possibilitaram a primeira leitura de mundo, antes mesmo de entrar na escola, suas experiências de adolescência, de mocidade, de professor de língua portuguesa subsidiaram seu tão famoso e conhecido método de alfabetização de adultos, que pode e deve, com as devidas adequações, também ser aplicado para alfabetizar crianças:

Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizandos. (FREIRE, 1981, p. 13)

Da mesma forma que não se pode conceber a alfabetização de adultos a partir de um ato mecânico, isto é, um trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu, também não se pode

conceber esse mesmo ato mecânico sendo aplicado às crianças na alfabetização. O processo de alfabetização de crianças pode ir muito além do ensino de letras, sílabas e palavras, tornando-se eficaz, se a leitura de mundo que o estudante possui fosse considerada pelo professor alfabetizador, que logo perceberia que as cabeças dos alfabetizados não estão vazias. Segundo Freire (1981, p. 13), “enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito”. E esses “sujeitinhos” quando bem orientados pelo alfabetizador, valer-se-ão de “sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem” (*Idibidem*)

2.1.2. Educação libertadora versus educação bancária

Paulo Freire entende o processo de alfabetização não como um momento da escolarização que serve somente para ensinar letras, sílabas e palavras ao estudante, mas a partir da concepção de educação libertadora, emancipadora, que se opõe à concepção de educação bancária e tecnicista. Essa concepção libertadora e emancipadora de educação atribui à escola a responsabilidade de formar sujeitos conscientes, isto é, cidadãos críticos e pensantes, os quais possibilitarão a percepção da sua existência no mundo, do seu papel na sociedade, e como cidadão de conhecimentos, ativo e capaz de criar, agir e modificar sua realidade:

[...] pensávamos numa alfabetização que fosse ao mesmo tempo um ato de criação, capaz de gerar outros atos criadores; uma alfabetização a qual o homem, que não é passivo nem objeto, desenvolvesse a atividade e a vivacidade da invenção e da reinvenção, características dos estados de procura. (FREIRE, 1980, p. 41)

Numa concepção de educação bancária, ao contrário, o professor considera o aluno um ser passivo, completamente dependente dele, uma “caixa” onde o conhecimento será transferido ou depositado. Já numa concepção libertária de educação, o aluno é tratado como ser crítico e pensante pelo professor, que lhe dará autonomia e as condições necessárias para que construa sua aprendizagem de modo consciente, e adquira conhecimentos mediados e não depositados, pois “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47).

Ainda na perspectiva da autonomia, a relação entre o professor e o aluno deve ser de autoridade e não autoritária. Freire (2003) diz que são necessários ao professor em sala de aula segurança, conhecimento e ge-

nerosidade para que possa adquirir competência, autoridade e liberdade. Destaca que a segurança oriunda da competência profissional associada à generosidade é o caminho para se tornar uma autoridade docente tendo como consequência todo o respeito dos alunos.

Deve-se dar autonomia ao aluno desde a educação infantil e ciclo alfabetizador, cujo primeiro ano corresponde à alfabetização. Não podemos subestimar a capacidade cognitiva dos pequenos estudantes. Eles são pequenos, porém, dotados de inteligência e se estimulados adequadamente certamente conseguirão conduzir a sua aprendizagem de forma autônoma e consciente.

2.1.3. O método de alfabetização freireano

O método de alfabetização freireano está estruturado e organizado em 3 etapas ou momentos (investigação, tematização e problematização), mais 2 complementares, os quais apresentamos a seguir:

1º momento (investigação): faz-se um levantamento do universo vocabular, dialogando com os alfabetizandos e com outras pessoas da comunidade, objetivando mapear o repertório linguístico usado naquela localidade. É nesta fase que são selecionadas as palavras geradoras que serão usadas para a alfabetização dos alunos. A seleção de palavras geradoras é importante porque são do contexto do educando e não escolhidas por uma equipe de educadores.

2º momento (tematização): a equipe organiza as palavras selecionadas no universo vocabular à luz de rigorosos critérios, os quais estão relacionados mais à frente neste texto.

3º momento (problematização): criação de situações existenciais nas quais o grupo esteja envolvido. Nesta etapa também é possível lançar desafios ao grupo e debates através dos quais se desencadeia a conscientização.

4º momento: elaboram-se as fichas de roteiro que auxiliam o trabalho dos coordenadores de debates.

5º momento: elaboração das fichas com a decomposição das famílias fonêmicas.

2.1.4. O diálogo como instrumento pedagógico

A seguir apresentaremos e refletiremos sobre alguns aspectos que integram o método de alfabetização freireano, já adaptado para a alfabetização de crianças.

O método de alfabetização de Paulo Freire foi criado para alfabetizar adultos, porém se adéqua muito bem também para alfabetizar crianças. Em vez de partir da realidade do professor, o planejamento da aula deverá partir da realidade das crianças: Será necessário dialogar com as crianças para conhecer seus gostos, suas preferências, suas brincadeiras preferidas, sua família e a comunidade onde mora a partir da sua visão de mundo etc. Será necessário também dialogar com as famílias de cada criança para conhecê-las e levantar informações sobre a comunidade e cultura local e sobre tudo que diz respeito a elas, para a partir desses diálogos levantar as palavras geradoras que constituirão o primeiro vocabulário que as crianças aprenderão a escrever:

[...] a educação dialógica parte da compreensão que os alunos têm de suas experiências diárias [...], minha insistência de começar a partir de sua descrição sobre suas experiências da vida diária baseia-se na possibilidade de se começar a partir do concreto, do senso comum, para chegar a uma compreensão rigorosa da realidade. (FREIRE, 2008a, p. 131)

Vê-se a importância do diálogo para levantar os dados necessários para o planejamento das aulas. O diálogo, na metodologia de alfabetização de Paulo Freire, passa a ser um instrumento fundamental, pois vai além do simples ato de conversar, “(...) não existe num vácuo político. Não é um espaço livre onde se possa fazer o que se quiser” (FREIRE, 2008a, p. 127), possibilitando uma escuta atenta que permitirá o levantamento de palavras geradoras que fazem parte da realidade das crianças.

O diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e a refazem. (FREIRE e SHOR, 2008, p. 123)

Freire (1979) esclarece que a partir das palavras geradoras é que será realizada a alfabetização; e associada à palavra geradora vem uma imagem que traz o seu significado social para a comunidade. A seleção de palavras geradoras do universo de palavras do alfabetizando não é aleatória. Há que se seguir os critérios a seguir:

- a) o da riqueza silábica; b) o das dificuldades fonéticas. As palavras escolhidas devem responder às dificuldades fonéticas da língua e coloca-se

na ordem de dificuldade crescente e c) o conteúdo prático da palavra, o que implica procura o maior compromisso possível da palavra numa realidade de fato, social, cultural, política. (FREIRE, 1979, p. 23)

2.1.5. A brincadeira como instrumento pedagógico

Neste processo de adaptação do método de alfabetização freireano para a alfabetização de crianças nos anos iniciais, tão importante quanto considerar a leitura de mundo das crianças para conhecimento do “mundinho” por meio do diálogo é também considerar aquilo que elas mais gostam de fazer: brincar, brincar e brincar: “Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da Criança” (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998).

Na educação infantil e na alfabetização, o brincar deve fazer parte da aprendizagem da criança e pode estar em todos os espaços de aprendizagem da escola e fora dela, devendo ser o principal eixo dos currículos infantis e se concretizar por meio de contação de histórias, dramatização, cantigas de roda, dança etc. Quando o alfabetizador, nessas situações de brincadeiras, consegue associar o diálogo e a brincadeira, conseguirá construir conhecimentos cada vez mais complexos, contribuindo sobremaneira para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

É necessário esclarecer que o fato do professor alfabetizador, ao utilizar o método de alfabetização freireano, faça levantamento de palavras geradoras a partir da própria realidade das crianças para introduzir a escrita, não significa que o educador vai ficar preso exclusivamente a ela:

Quando se tira da criança a possibilidade este ou aquele espaço da realidade, na verdade se está alienando-a da sua capacidade de construir seus conhecimentos. Porque o ato de conhecer é tão vital quanto comer ou dormir; e eu não posso comer por alguém. (FREIRE, 1983, p. 36)

À medida que as crianças forem aprendendo a escrever o repertório de palavras geradoras levantadas, o educador pode paulatinamente ampliar esse levantamento inicial, apresentando-lhes outras e diversas palavras que representam outras e diversas realidades para que, cada vez mais, possam fortalecer sua leitura de mundo, tendo a palavra como suporte.

A partir do exposto sobre Paulo Freire, pudemos observar que, embora o termo letramento não fosse usado por ele para designar a necessidade da alfabetização ir além da aprendizagem do sistema da escrita,

ou seja, da aprendizagem do código e das relações grafofônicas, percebe-se claramente que ele não separava a leitura da palavra da leitura do mundo, ou seja, a aprendizagem sobre a linguagem das relações sociais, uma vez que texto e contexto, linguagem e realidade se prendem dinamicamente. Assim, a alfabetização para Paulo Freire, para alcançar sua finalidade, deveria partir do conhecimento de mundo do alfabetizando, conhecimento este que uma vez ampliado o libertaria, tornando-o ativo no meio social onde vive.

Essa concepção de alfabetização de Paulo Freire, que prepara o alfabetizando para ser um sujeito ativo na sociedade através das práticas sociais de leitura e escrita, concomitantemente, era alvo de estudos de pesquisadores em outros países como França e Estados Unidos, e também aqui no Brasil, na década de 1980. Estudiosos do tema, considerando características e finalidades específicas e diferenciadas, passaram a considerar as práticas de leitura e escrita resultantes da aprendizagem inicial do sistema da escrita como *Alfabetização*, e a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e escrita mais avançadas e complexas como *Letramento* (Cf. SOARES, 2004). Desse modo, o conceito de Letramento aos poucos foi se firmando nas produções científicas e atualmente é perfeitamente possível conceituar e estabelecer diferenças entre os dois processos.

2.2. As contribuições de Magda Soares

A partir de agora, traremos para a discussão as concepções de Soares (2004). A renomada pesquisadora defende a especificidade e a indissociabilidade dos processos de Alfabetização e Letramento tanto na perspectiva teórica quanto na prática. Segundo Magda Soares (2004), na produção acadêmica do Brasil, os conceitos de Alfabetização e Letramento se mesclam e frequentemente se confundem, porém é equivocado pensar que Alfabetização e Letramento se confundem e até se fundem.

A relação entre alfabetização e letramento é inegável e necessária, porém, cada um dos processos possui suas especificidades. Apesar das diferenças propostas pela produção acadêmica, é comum a inadequada fusão dos dois processos com apagamento da alfabetização e prevalência do letramento. Isso tem levado à perda da especificidade do processo de alfabetização, o qual passou a subestimar os aspectos fonéticos e fonológicos em detrimento dos aspectos psicológicos. Essa perda de especificidade pode ser apontada como uma das causas do fracasso na aprendiza-

gem e no ensino da língua escrita nas escolas brasileiras (SOARES, 2004)

Para Soares (2004), defender a especificidade do processo de alfabetização não significa dissociá-lo do processo de letramento. “Se as crianças estão sendo, de certa forma, *letradas* na escola, não estão sendo *alfabetizadas*, parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele” (SOARES, 2004, p. 11). Assim, recupera-se uma dimensão fundamental do processo de ensino e aprendizagem da língua escrita.

Contrariando o Construtivismo, os resultados das avaliações externas em larga escala como o SAEB (nacional) e o PISA (internacional) evidenciam que as crianças não estão aprendendo. A crítica incide na ausência de instrução direta e específica para a aprendizagem do código alfabético e ortográfico, ou seja, as crianças não estão conseguindo aprender, de forma natural, a partir da interação com a língua escrita, as relações fonema-grafema (SOARES, 2004).

Nos Estados Unidos, em 2000, realizou-se um estudo intitulado *National Reading Panel: teaching children to read*, o qual avalia e integra as pesquisas sobre alfabetização de crianças. Os resultados indicaram baixos níveis de competência em leitura. O estudo objetiva identificar procedimentos eficientes para que a alfabetização de crianças ocorra de forma satisfatória e, além disso, considera como componentes essenciais do processo de alfabetização: (i) a consciência fonêmica; (ii) relações fonema-grafema; (iii) fluência em leitura em voz alta e silenciosa; (iv) vocabulário e compreensão (SOARES, 2004).

Sobre esse estudo, Soares (2004) acrescenta: “As *evidências* a que as pesquisas conduziam mostravam que têm *implicações* altamente positivas para a aprendizagem da língua escrita o desenvolvimento da consciência fonêmica e o ensino explícito, direto e sistemático das correspondências fonema-grafema”. Vê-se claramente a necessidade da aprendizagem do código e das relações grafofônicas, no momento inicial da alfabetização, por isso é fundamental recuperar sua importância, pois não é possível ter acesso à cultura escrita sem a aprendizagem das relações entre o sistema fonológico e o sistema alfabético:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a *alfabetização* – e pelo desenvolvi-

mento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o *letramento*. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se *no contexto de e por meio de* práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de *letramento*, e este, por sua vez, só se pode desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p. 14)

Soares (2004) acha conveniente, metodológica e politicamente, no momento atual, conservar os dois termos porque mesmo sendo processos interdependentes, indissociáveis e simultâneos, “são processos de natureza fundamentalmente diferente, envolvendo conhecimentos, habilidades e competências específicos, que implicam formas de aprendizagem diferenciadas e, conseqüentemente, procedimentos diferenciados de ensino”. (SOARES, 2004, p. 15)

No quadro abaixo, à luz de Soares (2004, p. 15), apresentamos distinções entre alfabetização e *letramento*:

ALFABETIZAÇÃO	LETRAMENTO
Consciência fonológica e fonêmica	Imersão da criança cultura escrita
Identificação das relações fonema-grafema	Participação em experiências variadas com a leitura e a escrita
Habilidades de codificação e decodificação da língua escrita	Conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros textuais
Conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora para a forma gráfica da escrita	

Diante do exposto, acreditamos que os problemas de aprendizagem inicial da escrita, isto é, as dificuldades no processo de aprendizagem do sistema escrito, se não sanados ainda na fase inicial, perdurarão por toda a educação básica, chegando até o ensino superior. Os resultados das avaliações externas em larga escala demonstram inúmeras falhas, tanto na fase inicial quanto nas mais avançadas da escolarização.

O quadro acima ajuda a compreender melhor os conceitos de alfabetização e *letramento*. Ajuda a compreender também suas diferenças e interdependência e que são indissociáveis e simultâneos. Assim, é urgente aos professores que trabalham nas séries iniciais que se apropriem desses conhecimentos e promovam, em sala de aula, a conciliação desses dois processos responsáveis pela aprendizagem da leitura e da escrita das crianças nas séries iniciais, a fim de promoverem alfabetização e o *le-*

tramento das crianças sem falhas metodológicas ou de conteúdos.

3. Considerações finais

No presente estudo, propusemo-nos a refletir sobre as contribuições da Pedagogia para a alfabetização de crianças à luz dos estudos de Paulo Freire e Magda Soares, a fim de compreender o motivo pelo qual as crianças brasileiras leem e escrevem mal. As reflexões realizadas, ao longo do trabalho, à luz das obras de Paulo Freire, possibilitaram-nos chegar às seguintes considerações:

Para uma compreensão crítica do ato de ler, não se pode separar a leitura de mundo da leitura da palavra, pois a leitura da palavra, mesmo ocorrendo depois da leitura de mundo, é condição indispensável para a compreensão crítica dele. Em razão disso, o método de alfabetização freireano está estruturado e organizado em etapas (investigação, tematização e problematização), que aproveitam as experiências prévias dos alfabetizando antes deles entrarem na escola. Através do diálogo, poderoso instrumento pedagógico, conhece-se a criança com suas experiências, sua família e sua comunidade, sendo fundamental para a aplicação do método freireano de alfabetização.

Se o professor alfabetizador considerar o conhecimento de mundo que a criança traz ao entrar na escola, o processo de alfabetização de crianças poderá ir muito além do ensino de letras, sílabas e palavras, tornando-se muito mais eficaz, uma vez que o conhecimento a libertará, tornando-a um sujeito consciente e um cidadão crítico.

A relação entre o professor e aluno deve ser de autoridade e não autoritária, para tanto são necessários ao professor em sala de aula segurança, conhecimento e generosidade para que possa adquirir competência, autoridade e liberdade. Também se faz necessário na bagagem do professor alfabetizador, a capacidade de criar e brincar com as crianças, pois o brincar deve fazer parte do processo de aprendizagem da criança e pode estar em todos os espaços de aprendizagem da escola e fora dela.

Já as reflexões realizadas, ao longo do trabalho, à luz das contribuições de Soares, permitiram-nos chegar às seguintes considerações:

Sendo a negação da especificidade da alfabetização, isto é, a não instrução direta e específica para a aprendizagem do código alfabético e ortográfico a partir das relações fonemas-grafemas, uma das causas dos

alfabetizando não aprenderem a ler e a escrever no momento inicial da escolarização, há a necessidade urgente de seu reconhecimento, pois o conhecimento grafofônico é fundamental e indispensável à aprendizagem da língua escrita.

Sendo a Alfabetização a etapa inicial da escolarização das crianças, deve desenvolver-se num contexto de Letramento. Para tanto, os alfabetizando devem ser inseridos, pelo professor alfabetizador, em eventos diversificados de leitura e escrita, a fim de que possam desenvolver habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais das quais participam em sua comunidade.

Tanto a Alfabetização quanto o Letramento existem em diferentes dimensões, as quais vão exigir metodologias diferentes para serem trabalhadas em sala de aula com os alfabetizando, devendo o professor alfabetizador respeitar cada uma das fases, bem como as dificuldades e as motivações de cada criança, a fim de que avance para a etapa seguinte somente no momento apropriado.

É necessária a formação adequada para os professores alfabetizadores, aqueles que vão conduzir o processo de aprendizagem das crianças. Se o professor alfabetizador não detiver os conhecimentos linguísticos sobre fonética e fonologia e, além disso, não souber conduzir os alfabetizando nas práticas sociais de leitura e escrita, tudo que se discutiu ao longo deste trabalho não poderá ser implementado, por isso somente poderão trabalhar com crianças nos anos iniciais da escolarização Pedagogos com ampla bagagem linguística ou licenciados em Letras com habilitação em língua portuguesa e com ampla bagagem pedagógica, condição imprescindível para que os alfabetizando aprendam a ler e a escrever efetivamente e deixem de ser as vítimas de um ensino falho.

Por fim, acreditamos que a compreensão pelos professores alfabetizadores dos princípios freireanos que fundamentam o trabalho com a língua nos momentos iniciais da alfabetização em língua portuguesa, associado ao conhecimento efetivo das noções de Alfabetização e Letramento de Magda Soares, configuram-se como uma resposta assertiva e como solução eficaz para minimizar e até mesmo erradicar o problema das crianças brasileiras lerem e escreverem mal e assegurar a alfabetização com foco no letramento de crianças.

Portanto, acreditamos firmemente que as reflexões que o estudo traz muito contribuirão para as discussões neste campo e para que novos caminhos alternativos, que livrem nossas crianças da condição de vítimas

de um ensino falho, sejam encontrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo; SHOR, Irã. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. *A educação como prática de liberdade*. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1981.

_____. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Alfabetização: a ressignificação do conceito. *Alfabetização e Cidadania*, n. 16, p. 9-17, jul., 2003.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, p. 5-17, jan., fev., mar., abr., 2004. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>.

_____; MACIEL, Francisca, *Alfabetização*. Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2000. (série Estado do Conhecimento).

Outra fonte:

NATIONAL INSTITUTE OF CHILD HEALTH AND HUMAN DEVELOPMENT. Report of the National Reading Panel: teaching children to read: an evidence-based assessment of the scientific research literature on reading and its implications for reading instruction. Washington, DC: U.S. Government Printing Office.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Volume 2, 1998.